

MANIFESTO
A CRIOULIZAÇÃO

M á r i o L ú c i o S o u s a

MANIFESTO
A CRIOLIZAÇÃO

M á r i o L ú c i o S o u s a

li



COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DESIGN

Carlos Costa

EXECUÇÃO GRÁFICA

Tipografia da Beira Alta

ISBN

978-989-26-2176-0

eISBN

978-989-26-2177-7

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2177-7>

DEPÓSITO LEGAL

489381/21

MANIFESTO
A CRIOLIZAÇÃO

M á r i o L ú c i o S o u s a

APRESENTAÇÃO DE GILBERTO GIL

A questão do intelectual no terceiro mundo tem sido, de há muito, uma questão candente para os próprios povos do terceiro mundo, como também para os círculos académicos e políticos dos países responsáveis pela colonização e suas extensões históricas. Debate-se com frequência o papel da criação e propagação de ideias sobre “*si mesmos*”, sobre a apreciação autoreferente da vida das ex-colônias por intelectuais incumbidos de examinar a sua história. Denuncia-se com frequência uma certa insuficiência dos pensadores das ex-colônias, acusados de uma visão subalterna aos modos clássicos, eurocêntricos de ler e interpretar a vida colonial e pós-colonial à luz das ideologias, sociologias e antropologias oriundas do Primeiro Mundo. Dessa acusação frequente têm escapado alguns poucos intelectuais africanos e pan-americanos como Léopold Senghor, Frantz Fanon, Gilberto Freyre, Aimé Césaire, Alexis Carpentier, Mario Vargas Llosa e alguns outros que representaram as primeiras reações de povos d’África, d’Ásia e das Américas contra a leitura eurocêntrica de suas culturas, nos idos do século passado. De uma certa forma, homens, já agora, de uma certa *antiguidade*.

A tomarmos o mundo intelectual contemporâneo como parâmetro, são poucos os que hoje se destacam por um pensamento autónomo, ousado e liberto, pelo menos entre os que, longe do mundo académico, militam no âmbito da hiperexposição midiática e no campo da conflagração

político-institucional e não institucional. É o caso de Mário Lúcio Sousa, intelectual, músico, poeta, escritor, ativista político e animador cultural que se perfila entre os que buscam uma contribuição atualizada às reflexões sobre a cultura pós-colonial atenta à sua vocação e missão históricas de avançar para além da emancipação política obtida a tanto custo.

Mário Lúcio quer fazer uma leitura mais exigente e renovada sobre o terceiro e quarto mundos e suas civilizações inauguradoras. Este seu **Manifesto a Crioulização**, escrito/inscrito nesse género que ele reputa como “ortodoxo e, paradoxalmente, futurista” se oferece aqui, como vazão a uma ambição intelectual poética e política que visa alçar o processo histórico civilizacional das ex-colónias a um patamar que as suas **qualidades novas** exigem.

O Manifesto mira assim, extensamente, um certo futurismo que as complexas relações de raça e cultura vieram inexoravelmente impor aos novos mundos. Evidentemente, com a inestimável contribuição de todos aqueles cientistas sociais, artistas, políticos e militantes culturais – e mais a intensa vida dos seus povos - que nos trouxeram até aqui.

O Manifesto foi escrito para os que esperavam e, essencialmente, “para os que não esperavam que o crioulo fosse, um dia, reivindicar as duas partes, ou todas as

“ para os que não esperavam que o crioulo fosse, um dia, reivindicar as duas partes, ou todas as partes que o originaram, iludindo a separação e sintetizando as diferenças”.

partes que o originaram, iludindo a separação e sintetizando as diferenças”.

O Manifesto foi escrito como sugestão à criação de novos territórios para experimentos com a transnacionalidade, novos cultivos com a transracialidade, novos ajustes para a transculturalidade e novos plantios para a transespiritualidade. Foi escrito para assegurar que sigamos vivos!

Auguramos a todos uma leitura atenciosa a este texto barroco do artista Mário Lúcio Sousa, em respeito ao seu imenso esforço de abrangência e complexidade aqui empreendido.

Gilberto Gil

Fevereiro, 2019

M A N I
a criO

F E S T O

U
lizaçãO

Introdução

O manifesto tem sido um género ortodoxo e, paradoxalmente, futurista. Os seus subscritores procuram adeptos pelo convencimento, ou pela sedução, e propõem-se revogar o status de que emergem por contradição. Por isso, os manifestos são substantivos de alguma gesta, reivindicam uma determinada marca, ou dirigem-se a uma intencionada massa. No meu caso, não sou porta-voz de nenhuma das circunstâncias ora descritas. Manifesto o que há em mim. E faço-o, recolhendo o pó de várias galáxias, fazendo eco do que ouvi, semeando interrogações e expondo dúvidas, sempre na poética de partilhar para multiplicar. Manifesto um processo que tomou conta de mim e que está ali, no meio de nós, invisível e interpe-lativo como a existência. Porque em mim há milhões. Há milhões de mim nesse processo. No fundo, eu é que sou o manifesto. Qualquer coisa se manifesta através de mim. Minha esperança é que aqueles que em mim se manifestam, ou venham fazê-lo, também sintam que o fazem através de mim.

Praia, 14 de Outubro de 2017

O Caso

Crioulo

O Crioulo começa sempre com um dilema. A Crioulização é esse processo de respostas aos dilemas. O seu melhor resultado é a síntese. Síntese dinâmica, magma a engendrar em permanência novos fogos impermanentes.

A Crioulização é um fenómeno novo, cuja causa não está numa única fonte, mas em várias. São histórias de paralelos que se encontram. Paralelos que se encontram: é isso que constrói horizontes. Aquilo que Arquimedes concebeu para perpetuar caminhos desencontrados fez uma curva quântica. Duas rectas deram-se as mãos e desafiaram a escrita predestinada aos caminhos e aos caminhantes.

Antigamente, um grande grupo de pessoas era um pequeno mundo. No mundo de hoje, um pequeno grupo de pessoas é, irredutivelmente, um grande mundo. Nele, podemos encontrar gentes de diversas procedências,

distintos traços, várias semelhanças, múltiplas línguas e inesgotáveis possibilidades de ser.

Em relação à língua, o Crioulo, embora se chame assim de Macau às ilhas Seychelles, não é uma língua única. Existem vários crioulos, melhor dito, várias línguas crioulas: as de base lexical portuguesa, faladas em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, em São Tomé e Príncipe, no Curaçau, na Guiné Equatorial, em Macau, em Timor, na Colômbia, em Malaca e, seus resquícios, em várias outras regiões do mundo; as de base lexical inglesa, na Libéria, nas Maurícias, em Trindade, na Jamaica, em Barbados, em Santa Luzia, entre outras; as de base lexical francesa, na Martinica, em Guadalupe, na Reunião, no Haiti, nas ilhas Seychelles; a de base holandesa, no Suriname, para recordar alguns exemplos. Algumas delas mantêm seu nome, Crioulo, Kréol, outros se bap-

Crioulo, Kréol

Papiamento, o Papiamentu, o Papiamentu

o Palanquero, o Sranan

o Makista, etc

zaram específicos, como o Papiamento, o Papia Cristón, o Ano Bom, o Palanquero, o Srnamantango, o Pidgin, o Makista, etc.

Para além da língua, a expressão *Crioulo* ainda une uma grande quantidade de culturas. Se fizermos a ponte com um pouco de humor, não desmerecido para a ocasião, temos, nas duas margens, o *Homo Sapiens*, na origem, e o *Homi Criolo*, na síntese. Na meada, todas as identidades, nacionalidades e cidadanias que a compuseram, a compõem e descompõem. Por isso, adverte-se, Crioulo não é uma raça, aliás, como inexistente a própria Raça.

Estamos perante um fenómeno moderno, diante de um novo mundo e, também, dentro de uma fonte potencial de ensinamentos e no cerne de boas sabedorias acumuladas. Uma experiência a partilhar com a humanidade, pois sabemos como gerir a diversidade e seus conflitos de harmonização.

*ristón, o Ano Bom,
antango, o Pidgin,*

*Na verdade, estamos perante
o surgimento incessante
de novas identidades.*

*processo de
e de identida
indivíduo e*

A Crioulização é, assim, um belo exemplo da história das relações humanas, em termos de seu processo de afirmação e de identidade do indivíduo e do grupo. É novo na história da humanidade. E é-o não apenas por ser recente, mas por sair fora dos padrões de catalogação que nos foram legados. A Crioulização desafia os elementos clássicos para atribuir gentílicos, como são o território, a ascendência, o grupo étnico, religioso ou cultural, a tez, o aspecto, a língua, etc, embora não isenta dos mesmos.

O Crioulo é, assim, primeiro, uma conduta e, logo, uma assunção. É a assunção da cultura de um novo mundo, uma cultura em que a identidade do ser não é dada só pelo lugar de origem, pela fé que professa, ou pelos seus progenitores, mas pela escolha de pertença e de apropriação. É a possibilidade de se apoderar do futuro, procurando a abordagem pelo que nos junta, e não pelo que nos separa. Todas as características citadas acima podem bastar-se por si para definir uma identidade (negro, branco, asiático, muçulmano, etc.) e ainda o indivíduo poder escolher uma terceira, que soma, sintetiza, ou se abre para o Outro, ser Crioulo. O Crioulo é de onde se sente bem. E “onde” aqui não significa lugar, mas pele, e “pele” aqui não é cor, mas a minha, na minha, a sua, na sua. Isso porque sentir-se bem na identidade pressupõe a Aceitação e a Relação. O Crioulo pode ter várias raízes, mas será sempre incompleto sem o Outro, na diferença e na completude.

*Uma identidade-síntese
comunicativa com
todas as diferenças*

mét

A Crioulização inaugura a desterritorialização do indivíduo relativamente à sua identidade. Um indivíduo pode ser de qualquer parte do planeta, ter nacionalidade diversa, cidadania controversa e, porém, não estar preso a elementos como condição cultural ou de afirmação, enquanto pertencente a uma comunidade.

O Crioulo é uma identidade de união dos *eus* que há em nós. Quando, nas Caraíbas, um indivíduo é detentor de passaporte francês, tem na Ilha de Goré as memórias de seu ancestral senegalês, carrega o apelido da bisavó bretã, é da América e não é índio, nem americano (para utilizarmos termos vulgares), se diz negro e é considerado

branco em África, se diz *métis* e é considerado *black* na Europa, torna-se vital para si o refúgio numa identidade resultado disso mesmo. A unidade de todos esses valores e contradições dá-se e desemboca no facto e na possibilidade de se poder ser síntese, Crioulo. O Crioulo é uma identidade-síntese comunicativa com todas as diferenças.

A condição essencial é olhar para o que nos diferencia e simultaneamente para o que nos assemelha. É certo que a semelhança pressupõe a diferença, mas também pode ser o único traço que nos distingue.

Crioulo é o indivíduo da era pós-moderna, do pós-rancor, do pós-nação. Crioulo rejeita a divisão estanque e inventada das raças, a fixação pelos continentes e as fronteiras intransponíveis das cores da pele. O Homi Crioulo erige-se como aquele que é graças à relação com todos os outros. Crioulo não é nada previamente desenhado, é uma construção permanente. É uma cultura, e uma cultura assume-se, escolhe-se, adopta-se. Nem sempre foi assim, não era assim, mas tornou-se assim. É Crioulo quem quer, pois a cultura escolhe-se, e isso é possível, graças à libertação do passado que a identidade crioula traz, e à nova relação do indivíduo com as suas ascendências e colaterias, à sua prática da Relação. Portanto, essa noção nasce com uma grande dose de liberdade em si. Soa anacrónico e contraditório, mas o passado pode ser uma grande prisão para qualquer cultura, se não for uma referência de construção, mais do que uma construção de referência.

O Crioulo professa-se

O Crioulo professa-se. E pratica-se. Ou seja, não é sua condição o lugar onde nasceu, a sua religião, os seus antepassados. A circunstância histórica lançou-nos para a síntese, mais do que para uma mera associação de elementos em si.



cinco

Estamos, assim, perante uma identidade nova em que a melhor escrita é **identidades**, no plural, referindo-se, porém, à singularidade do indivíduo.

Olhando bem, estamos perante uma geografia em que Cinco Oceanos e Cinco Continentes não mais são suficientes para nos confinar. Estamos perante uma antropologia em que Cinco “Raças” não bastam para separar um indivíduo do Outro. Estamos perante uma linguística em que língua não é o mesmo que idioma.

*Oceanos
Continentes
não mais são
suficientes para
nos confinar*

*Pode-se ser crioulo
em qualquer parte do mundo,
de qualquer parte do mundo*

O Crioulo não tem como condição uma ligação espacial, no sentido de espaço geográfico, visto que é um estado mental dado pela abertura ao Outro, pela eliminação de barreiras e preconceitos, pela aceção do diverso, que inclui atitudes perante o novo mundo, perante o mundo

*é um estado m
pela abertura*

no seu todo, perante os elementos mais universais da dinâmica da evolução humana, da evolução social, dos intercâmbios e dos encontros.

Existem espaços tradicionalmente ditos crioulos, como são a maioria das ilhas do Atlântico, espaços de contactos de culturas negras e brancas, espaços onde aconteceu a colonização, onde houve sociedades escravocratas, etc. Mas o processo de criouliização desafia estereótipos.

O Crioulo pressupõe uma ideia de mundos, de muitos mundos, em paralelo e em relação.

*mental dado
ao Outro*

A Cultura da Relação é cada um de nós existir em parte no Outro e todos sentirmos o todo que existe em cada um.

A Crioulização é um processo histórico de aceitação de uma terceira identidade, e que na sua consolidação pode manifestar-se como possibilidade de escolha pelo indivíduo. Com a Crioulização abriu-se um espaço onde não é preciso integrar ninguém. Todos podem entrar nessa Relação, com a sua cultura e identidade originais, com as identidades apropriadas, com as suas ancestralidades de referência e de prática.

É o que podemos chamar da *Cultura da Relação*, usando a herança de Édouard Glissant. Se a aliança é um pacto, e já é uma grande atitude, a Relação é um facto, a desejada

*um espaço onde
preciso integrar*

plenitude. A Cultura da Relação é cada um de nós existir em parte no Outro e todos sentirmos o todo que existe em cada um. Utopia?, Sim, mas já realidade.

Evidentemente, as vivências da Crioulização dependem do seu nível de consolidação em cada sociedade e em cada indivíduo. Há vários “estágios” da Crioulização: a crioulização no estado *da diferença*; a crioulização no estado *da indiferença*; e, finalmente, a crioulização no estado da *“in-diferença”*. Em todos eles, a Crioulização tem como sua virtude maior a luta contra a discriminação racial. E vai um pouco mais além, contra a própria utilização do termo “raça”, ou a sua apropriação metafórica. Em Cabo Verde, “raça” significa família. Pode-se perguntar a uma pessoa quem é a tua raça, ou quem são as tuas gentes, ou de que família és, indistintamente, significando a mesmíssima coisa. E as pessoas se apresentam como da raça das gentes Horta, ou da raça dos Sousa, ou da raça das gentes da Costa.

*não é
ninguém*

O Crioulo não tem no “mestiço” a sua condição essencial

É preciso distinguir a Crioulização do que se convencionou chamar de Mestiçagem. Originalmente, o mestiço é uma contingência genética, resultado de misturas biológicas de indivíduos de diferentes tipologias, em que o sujeito-resultado é passivo, pois estas misturas não dependem da sua acção, mas da própria dinâmica da reprodução da espécie. Nasce-se “branco”, “negro” ou “amarelo”, para

*Nasce-se “branco”
ou “amarelo”, por
expressões comuns*

usar expressões comuns e vulgares, sem se ser responsável por tal. E a mestiçagem chega a ser utilizada como uma “forma de catalogação”, no sentido de se criar mecanismos de diferenciação social. Se isso for válido como convenção, mestiços somos todos, e não é uma opção. Entretanto, o termo transpôs a sua etimologia original e ganhou uma aceção cultural sinónimo de Mistura. O pensamento moderno tem assumido cada vez mais a Mestiçagem também como uma definição sociocultural.

Mas o Crioulo não tem na mestiçagem (*strictu sensu*) necessariamente a sua condição. A cor da pele, dos olhos, a textura do cabelo, ou a mistura dos seus diferentes tipos,

o”, “*negro*”
para usar
ns e vulgares

não são sinais particulares distintivos do Crioulo, ainda que possam ser assumidos como sinais estéticos, de comunicação e de identificação. Embora, na origem, a mestiçagem, especialmente a cor da pele, tenha sido um dos argumentos da consciência crioula, ela não é uma condição. No seu sentido moderno, a Mestiçagem pode ser um dos campos da Crioulização. Dentro da identidade crioula cabem, como, aliás, acontece nas nações com a bandeira crioula assumida, todos os tipos de fisionomia, de cor da pele, dos olhos, do cabelo, gente com mistura ou aparentemente sem ela.

Acolho o conceito de Mestiçagem, na acepção que lhe dá, por exemplo, a escola antropológica francesa de Lyon, de Laplantine, porque o desliga da sua raiz genética, para lhe conferir uma acepção bastante semelhante à que aqui é exposta através do conceito de Crioulo. (Ver, por exemplo, o dicionário de François Laplantine e Alexis Nouss, *Métissages, de Arcimboldo à Zombi*, Éditions Pauvert, 2001). Por vezes, os conceitos nascem com uma determinada raiz biológica e depois abandonam essa raiz. Aconteceu o mesmo com *híbrido*, que também nasceu no contexto da biologia e hoje, nomeadamente depois da obra de Néstor García Canclini, passou a significar expressões artísticas (e não só) de cruzamentos culturais ou disciplinares. O Híbrido é um conceito que confrontarei mais adiante.

O conceito de Crioulo ultrapassa a mestiçagem. Crioulo é uma atitude contemporânea resultante da percepção do

inseparável. A única condição é exercê-la. Alguém que nasceu em Madagáscar, no Paquistão, ou em Cabo Verde, e se assume como síntese e parte, como habitante de um mundo portador e apreciador da diversidade, porque a adopção de uma única identidade ancestral não o traduz, está a ter uma atitude crioula.

Por ser um processo dialéctico, os conceitos de “Crioulo”, “Crioulização” ou “Crioulidade” têm sido objecto de permanente evolução, desde o seu aparecimento. A Crioulização é um processo dinâmico, no sentido da construção e transformação contínuas. A Crioulidade refere-se a um conceito mais estático, como se fosse um sinal particular.

O Crioulo conseguiu trazer em si uma grande virtude: a partir de traços e memórias, e da necessidade de se libertar e se expandir, reelaborou os conceitos e criou uma identidade completamente aberta para o futuro.

O Crioulo é uma apropriação, sem complexos nenhuns, e sem nenhuma confrontação do tipo possessivo com nenhuma das outras identidades assumidas pelo indivíduo ou pelo grupo.

Um dos aspectos fundamentais da Crioulização é o almejar que o espaço Planeta seja uma casa, não por utopia, mas por necessidade.

Cabo

foi, e

um la

Verde

*ainda é,
laboratório*

O Crioulo é produto de um processo que começa no século XV, e que nasceu em Cabo Verde.

Cabo Verde foi, e ainda é, um laboratório. Por isso, em Cabo Verde, o termo Crioulização pode ser utilizado em vários campos.

Alguns lugares, Cuba, Martinica e Brasil, por exemplo, tiveram processos de crioulização muito *sui generis*, em função de como as partes ali se relacionaram. Os reflexos desse relacionamento ainda persistem.

A virtude da Crioulização é ter começado, a contramão, como uma impossibilidade de separação. Cabo Verde é um exemplo desse fenómeno consolidado.

Cabo Verde foi descoberto pelos portugueses no séc. XV. Os escravos oriundos da costa africana foram trazidos à força, e começou-se o processo de povoamento. O fenómeno da Crioulização ocorreu do dilema. O nascido nas ilhas estava entre a sua condição de submisso, vinda de uma parte dos seus progenitores, e a sua condição de impositor, da outra parte. Conviver com isso tornou-se uma interpelação permanente.

Já no século XVIII e XIX, os cabo-verdianos assumiram posições de destaque nas antigas colónias portuguesas,

tanto em funções da administração pública, como no exército, e também como proprietários agrícolas. Aqui, no séc. XVI, já havia uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos homens negros, na Ribeira Grande de Santiago, Cidade Velha. Não demorou, padres locais foram ordenados, vários postos intermediários, como administradores, cabo-chefes, regentes agrícolas, regedores, zeladores, etc., foram confiados aos chamados crioulos. Mais tarde, alguns chegariam, inclusive, a Governador nas colónias. A relação de poder é influente activo na dinâmica da afirmação identitária. Por isso, o nosso processo partiu bem à frente do da Martinica e de Guadalupe, onde a administração era, praticamente, reservada aos franceses.

O facto de estarmos perante um território que funcionou, quase sempre, como um laboratório, uma terra que não estava habitada quando foi pisada pelos europeus, por um lado; e, por outro, a ausência de uma cultura autóctone ou indígena, que pudesse ser subjugada, com toda a violência que isso implica, contribuíram para o nascimento do fenómeno imprevisível da Crioulização. O facto de ninguém poder dizer ao outro: “eu sou de cá e tu não”, porque todos viemos de alguma parte, ajudou na consolidação do processo, principalmente numa ilha. Essa apropriação que os cabo-verdianos fizeram do território ilhéu foi determinante como berço do fenómeno da Crioulização.

Atlântico, Matrimónio da Humanidade

A ilha foi importante no processo de Crioulização, confinou a pessoa, prendeu-a num espaço aberto, estreitou as suas relações, eliminou-lhe fronteiras, e deu-lhe um espaço comum. Ante o caldeirão da ilha, a Crioulização teve que se expandir. E o vizinho mais próximo da ilha não é o continente, nem outra ilha, mas, sim, o mar. O Atlântico tornou-se, então, não só um caminho para os diasporizados, mas o seu próprio continente. Tornou-se um destino, não de chegada, mas de existência, de partilha. Não estamos a falar dos cinco milhões de homens, mulheres e crianças ali sepultados, atirados borda a fora dos barcos negreiros, mas da cultura que emergiu dessa travessia. A Crioulização se engendrou no espaço do Atlântico.

Cabo Verde funcionava como uma plataforma, uma porta de movimentação para o mundo. Essas idas e vindas, de vidas divididas, encontraram um espaço simbólico fértil, o Atlântico, como territórios casados com o mar e pelo mar. A Crioulização tem esse parto fundador: uma parte das nossas ascendências se estende até ao mar. Para lá do mar, perdemo-nos na tormenta da genealogia. Sem referências locais com que pudéssemos recriar etnias, tribos ou nações, rapidamente tivemos que procurar uma identidade no futuro, ondeoubessem todas as nossas

referências, tanto as simbólicas, como as concretas. Uma identidade cultural individual sem referências no passado remoto foi dramática, mas foi aproveitada como uma oferenda. Em parte, sinalizámo-la como uma identidade atlântica, não baseada na definição do território, (mas no meritório). E isso enquadrou-se no contexto poético de que o Atlântico é todos os oceanos. Atlântico, Matrimónio da Humanidade.

o dil

A primeira causa da Crioulização é o dilema

Voltando às origens, o facto de o Crioulo não poder dizer “eu sou apenas escravo” ou “eu sou apenas carrasco”, porque levava na pele a própria antítese, fê-lo, e fez-lhe conviver com situações anímicas e morais muito complexas. Daí que a primeira causa para o surgimento de uma terceira identidade seja o dilema da própria identidade. A Crioulização tem a ver com a necessidade do enaltecimento do status, com a conquista do espaço do poder, seja ele político, cultural, económico ou social.

Há sempre relações de poder que se estabelecem nesses confrontos. Na base da crioulização – e Glissant o disse –, a relação de poder é um elemento influente.

No caso cabo-verdiano, a resposta como enfrentamento ao dilema, de certo modo, foi mais simples. Ela foi mais complexa nos espaços onde já existiam culturas autóctones. No caso de Cuba, por exemplo, onde viviam os taínos, hatueis, guamás, o dilema forçou a saltos trágicos na conformação identitária e na sua afirmação. Aliás, o local onde se começou a utilizar o termo *crioulo* como território político, de forma propositada, foi primeiramente em Cuba. Ali, *sociedad crioulla*, ou *los criollos*, foram demarcações importantes para os descendentes

de espanhóis, de africanos, e da mistura dos dois nascidos na ilha. E seria em Cuba também onde a estética crioula primeiro se manifestaria ao mundo, na pintura, na música, na arquitectura, na dança. Cuba reivindicou a identidade crioula como solução de agrupamento, ou de criação de comunidade. A luta pela independência, que data do séc. XIX, conseguiu reunir um exército com brancos, negros, mulatos, filhos de espanhóis, filhos de haitianos, etc., o chamado exército mambí (só não tinha indígenas porque tinham sido dizimados). Nas escolas de artes plásticas, nos conservatórios, no ballet surgiram movimentos crioulos claramente dissonantes das escolas europeias. Isso deu a Cuba figuras como José Martí, Amadeu Roldán, Ignacio Cervantes, Ernesto Lecuona, Wilfredo Lam e, também, Nicolás Guillén, Leo Brower, Alejo Carpentier e Alicia Alonso, entre outros.

Glissant dizia: “Créole, c’est le métis plus quelque chose”¹

Conversei muito com Édouard Glissant sobre isso, pessoalmente, na sua residência em Diamant, na Martinica, em 2010. Ele não conhecia bem o caso de Cabo Verde, e morreu sem nos ter dado a honra da sua visita, o que seria igualmente transformador para ele. Admiravelmente, porque era um homem aberto e dialéctico, disse-me que devíamos escrever sobre a nossa experiência, porque, se ele tivesse tido conhecimento de certos factos ocorridos em Cabo Verde, podia aprofundar ainda mais o seu conceito de Crioulização. Glissant deu ao mundo um conceito moderno e justo da Crioulização, para lá da *Créolité*.

Não sei mesurar qual a contribuição de Cabo Verde para o pensamento actual sobre este processo. Mas Glissant já reconhecia o nosso aporte.

Numa tarde de sombras laranjas sobre as praias das Caraíbas, Glissant e eu tivemos um diálogo engraçado sobre a sua experiência e a minha inquietação. Esta conversa está documentada no filme *Kreol*, de Frédérique Ménant. Glissant disse-me: “*Créole, c’est le métis plus quelque chose.*” E eu perguntei-lhe: o que era esse “*quelque chose?*”, E ele

¹ “Crioulo, é o mestiço mais qualquer coisa”.

respondeu-me: “não podemos defini-la, porque é muito dialéctica. Se você definir, já não é.”

Expressei-lhe, com enorme respeito e admiração, o que eu pensava: “a Crioulização não depende da Mestiçagem”. Glissant pensou um bocado, e anuiu: “*Tu as raison!*”² Glissant tinha então 80 anos, e morreu no ano seguinte, em 2011.

Passando em revista a história desse pensamento, a filosofia da *Créolité* bebeu muito no postulado da negritude, de Aimé Césaire, este, por sua vez, inspirado pelo poeta e presidente senegalês Léopold Sédar Senghor. Senghor era africano. Aimé Césaire, das Antilhas. Tinham propósitos relativamente diferentes. O primeiro queria o reconhecimento de uma cultura ultrajada; o segundo faz a apologia da negritude para despertar os crioulos das ilhas, aqueles que eram conhecidos como descendentes de escravos. Nessa linha, surgem outros pensadores que defenderam a Crioulidade com base na negritude. (ver *Éloge de la Créolité*, por Raphael Confiant, Jean Barnabé e Patrick Chamoiseau). Estes passam da Negritude de Aimé Césaire para a *Crioulidade*, conceito novo germinado na negritude. Glissant, mais tarde, destoa dos seus conterrâneos, e começa por dizer que a negritude é um dos ingredientes da Crioulização, mas não o único, porque a Crioulização não está ligada a uma única raiz, ela

² “Tens razão!”

tem múltiplas raízes, e desenvolve, então, a tese de que o Crioulo é um Mestiço. Depois, acrescenta: é um mestiço “mais alguma coisa”, ou seja, não fica pela mestiçagem em si. Isto até ao início do ano 2000, ponto de separação dos dois conceitos, o Mestiço do Crioulo.

olité

linha

O Crioulo é um estado mental

O Crioulo é, no âmago, um estado mental. A nossa socialização diz-nos, de maneira subtil, que o facto de a linhagem genética ser daqui ou dali é a circunstância mais natural do mundo, e não determina o processo identitário per si. Cedo chegámos a esse entendimento, de que o Crioulo é um estado mental. Nasce do autoconhecimento individual, depois incorpora-se na memória do colectivo. Todos, mestiços ou não, podem habitar esse estado e encontrar nele um espaço concreto de manifesto.

Gente de linhagem europeia, em Cabo Verde, existe em todas as ilhas. É de linhagem africana também. Contudo, devido ao processo de povoamento, em Santiago encontra-se muito mais pessoas da linhagem genética oriunda do continente africano. E, por causa dos escravos fujões, guardam uma reminiscência particular, algumas sabedorias ancestrais, diferenciados traços animistas. São histórias individuais. Não criaram comunidades religiosas, culturais, ou outras, com raízes exclusivamente nessas tradições (como acontece no Brasil, em Cuba, no Haiti, por exemplo). É um dado curioso: não sentem saudades do passado, não têm uma imagem idílica de África. Suas únicas referências são a sua ilha, e, na extensão, o Arquipélago. Paradoxalmente, os vizinhos com apelidos europeus, desde os tataravós, sentem saudades

da Europa, têm uma imagem, ou melhor, uma miragem, da Europa. Outro dado curioso: tampouco estes criaram uma comunidade. Para as duas linhagens, a comunidade é dada pela identidade crioula, onde as diferenças se fundiram. Outras diferenças surgiram, entretanto, decorrentes do próprio processo de Crioulização, mas elas foram incorporadas na dinâmica constante do processo (o caso de crescer cada vez mais as marcas tópicas linguísticas, a discussão sobre quem é mais próximo, ou mais distante, de África e da Europa, a legitimidade de pertença às comunidades geográficas e geo-políticas).

Assim nasceu a percepção do Indivíduo Crioulo e do Colectivo Crioulo. A geração de 1830, que saiu para a pesca da baleia e foi para os Estados Unidos, agarrou nisso para reforçar a sensação de comunidade crioula na diáspora. E a diáspora viria a tornar-se um necessitado e indispensável depositário da Crioulização.

diús

Os dilemas costumam ser violentos

Apesar de tudo isto, ou com tudo isso, não podemos ignorar que a violência acompanha e assombra o fenómeno da Crioulização, nem que seja uma violência mental.

A procura da definição da identidade nasceu das várias interrogações que os cabo-verdianos fizeram a si próprios, ao longo do tempo, e continuamos a fazer: a) quem somos? b), como somos?, c) onde somos?, d) por que somos? Esta dúvida existencial, por vezes, chegou a extremos angustiantes. A vontade de nos definirmos, de nos identificarmos na relação com o Outro e com os outros, acabou por nos impor, de caras, algumas aceitações: em primeiro lugar, assumir que as identidades conhecidas dividiam-nos; em segundo lugar, que a expressão “*Crioulo*”, inicialmente associada a descendentes de africanos e europeus, e, em alguns lugares, com certa conotação pejorativa, como acontecera com Mestiço, unia-nos, e podia ser apropriada.

O dilema tornou-se uma questão decisória. E coube, no início, a cada indivíduo contribuir com a sua atitude para uma resposta colectiva. Nenhuma sociedade se torna crioula se o indivíduo não quiser. Todavia, uma sociedade torna-se mestiça quer o indivíduo queira ou não, como, aliás, aconteceu com o mundo. A Crioulização é, assim,

um discreto fenómeno cultural. Pelo que, não é correcto colocar na sua base a formulação genética como condição *sine qua non*.

os b

A crioulização é um fenómeno de transformação social

Em Cabo Verde, começamos a falar de Nação Crioula a partir do século XVII, quando uma consciência individual de reconhecimento social e cultural, encabeçada pelos literatos, os homens com poder económico, etc, criou grupos sociais de sólida representação e representatividade. Esse exercício da Crioulização vai estabelecer *in crescendo* um pensamento de comunidade, de sociedade, de nação.

Na Martinica, coincidindo com a época em que lá estive, houve um referendo sobre a Independência, e a maioria da população preferiu ficar anexada à França, a ser governada pelo poder económico instituído na ilha. Isso tem a ver com as relações do poder. A ilha da Martinica é uma sociedade crioula, mas a relação de poder é muito classista, um apanágio dos descendentes dos franceses, os bekés, que representam menos de 1% da população, mas, entretanto, quase todo o poder económico, com suas vantagens advenientes.

A Crioulização apresenta várias dimensões, vários matices, e não é um processo homogéneo palpável. A dado momento, a Crioulização é o entendimento de que os espaços e os conceitos clássicos são limitados para acolher,

separadamente, um indivíduo que encontrou uma nova identidade. Esses fenómenos manifestam-se de várias formas. Um dos estágios da Crioulização é a sua vocação a reivindicar o poder, primeiro económico, e, depois, político, para e pelos crioulos.

Na base está sempre uma maturação cultural e identitária. A Crioulização é um processo cultural e, como tal, manifesta-se em acções sociais de aglutinação, em movimentos artísticos, sociais, etc., e também em luta política, que é, no fundo, uma luta pela identidade.

Isso aconteceu em todos os processos de Crioulização, em vários lugares, de diferentes formas. Em relação a Cabo Verde, quando Amílcar Cabral afirma que a independência é um acto de cultura, refere-se a isso. Chegamos a um momento em que não nos podemos manifestar como sendo outro, mas, sim, como sendo o nós que inclui o outro, isto é O Outro. E isso leva à necessidade de maior liberdade, para maior Relação. Quando a liberdade é cercada surge uma luta lógica e inevitável.

RIZO

O Crioulo, mais do que uma raiz, tem um rizoma

Evitei sempre o termo *cabo-verdianidade*. Nós somos cabo-verdianos, sim, mas há alguma coisa que tenhamos e que não existe em nenhuma outra parte do mundo? Não. Temos algo peculiar, o sermos Crioulos, mas a Crioulização é um fenómeno planetário, do qual fazemos parte. O nosso modo característico, próprio de cada cultura, só é relevante num contexto de universalização.

Algumas experiências pessoais contribuíram sobremaneira para esta minha posição. Em 2010, fui fazer um concerto na Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal, para a apresentação do disco *Kreol*. A Fundação organizou, na decorrência, uma palestra sobre a Crioulização. No meio do debate, levantou-se uma senhora, dos seus setenta anos, em lágrimas, e disse: “Muito obrigado. Finalmente, nesta idade, eu sei quem sou. Eu sou crioula”. Ela era branca, filha de portugueses, nascida em Moçambique, e tinha passado a vida a deambular entre querer ser aquilo que sentia e aquilo que lhe estava reservado ser.

Três anos depois, no Brasil, na feira de música do Ceará, fiz também uma palestra sobre a Crioulização. Estavam lá representantes dos índios, dos movimentos negros, o pessoal do Fora-do-Eixo, que é gente que pugna por

uma outra sociedade, enfim, uma plateia diversificada. No meio da conversa, uma rapariga tomou a palavra e disse: “Obrigada. Eu nasci e vivi em França. Em França referiam-se a mim, dizendo, olha a Maria, a portuguesa. Deixei tudo e fui para Portugal. Cheguei toda feliz ao Alentejo, mas lá diziam-me: “olha a Maria, a francesinha”. Desesperada, vim viver para o Ceará. Cá dizem-me: “Maria, a portuguesa que fala francês. Agora entendo que eu sou tudo isto, sou crioula”.

A humanidade precisa de um lugar onde possamos caber com as nossas raízes todas.

Amin Maalouf coloca à reflexão esse cenário, ao contrapor o conceito de *Identidades compósitas*, onde cabe a Crioulização, ao de *identidades tribais e assassinas*, as excludentes. A diferença entre raízes e rizoma identitário é outra grande contribuição de Édouard Glissant, conceito que ele vai buscar a Deleuze e Guattari e aplica ao indivíduo crioulo. O Crioulo não tem uma raiz, tem um rizoma, que é um conjunto de ramificações, uma raiz múltipla. Entretanto, tenho me deparado com algumas traduções confusas, que versam para o português indistintamente Múltiplas identidades e Identidade Múltipla. As duas situações existem, mas não são a mesma coisa. A primeira dá-se no colectivo, e a segunda, no indivíduo.

Ser Crioulo e ser cabo-verdiano. Qual a dimensão de cada um?

Ser Crioulo é uma dimensão; ser cabo-verdiano, outra. Fundem-se e alternam-se, às vezes. Ser Crioulo é nosso ser universal. Ser cabo-verdiano é nosso ser particular. Porém, dizer-se uma ou outra é para nós igual. Isso é muito bom! *Oh monsieur mi ê kriol*,³ cantou o Morgadinho, *Biografia d'um kriol*, cantou Manuel d'Novas, *Sina d'um kriol*, cantou Tony Marques, *Nos tudo nos é criol*, cantou Cabo Verde Show, *kreol*, cantei eu. Quando nós dizemos “eu sou cabo-verdiano”, soa uma reivindicação pátria. Um passaporte fónico de quem, até 1975, era considerado português, embora sempre pronunciasse a dita frase. Há algo de identitário nessa referência. Isso tem a ver, sim, com a Crioulização, com a ideia de uma identidade própria – essa vontade de afirmar “eu sou cabo-verdiano”, e se afirmar.

É preciso compreender o processo identitário cabo-verdiano e a sua ligação com o processo de Crioulização. A Crioulização começa na percepção de uma identidade cultural outra, para além da africana e a europeia que coabitavam as ilhas. Isso provocou no indivíduo a compreensão do seu mundo, e a sua vontade de o transformar num espaço onde pudesse viver, conviver e ser. Uma nação constrói-se

³ “Oh, senhor, eu sou crioulo”

com referências que são colectivas, na base do bem comum. Em Cabo Verde, a única tónica que nós tínhamos para construir uma nação era o facto de nos sentirmos Crioulos. Até sentirmos isso, os sentimentos de uma identidade cultural nova eram dispersos e discretos, e os conflitos discursivos eram permanentes, e duram até hoje. Demorou muito até haver uma assunção colectiva.

Há países que têm várias nações dentro. É possível unificar um país, mas não se consegue *unicizar* nações, porque isso pressupõe a eliminação de uma parte. Nações harmonizam-se. Temos a África do Sul, a Espanha, a Bélgica, o Gana, a Nigéria, o Mali, a China, países multiétnicos e multinacionais. Em alguns casos, a solução política e administrativa foi a criação de união de repúblicas, de estados federais, governos autónomos, e até reinos dentro do país, com um presidente e um rei coabitando a república. Consegue-se unificar países por acordo político ou diplomático. Todavia, o respeito pelas nações é condição *indispensável* para o sucesso de uma comunidade de nações. O processo e a experiência da Crioulização apresenta-se como uma via nova de comunhão, que pode conduzir várias nações e países por esse caminho da síntese e, talvez, a novos pactos de união política e administrativa, baseado na tolerância, no respeito pelo Outro. Essa é a grande contribuição da Crioulização para a Humanidade, até que as próprias nações se diluam em algo Outro, mais universal, mais humano-global, mais *Tout-monde* (Glissant), ou deixem de ser escopos para a ideia suprema de soberania (Alain W. Watts).

Considero a sociedade cabo-verdiana como sendo heterogénea.

Em tempos achei que não era correcto utilizar-se a expressão *híbrido* para classificar o Crioulo. Negava-o porque a designação partia, geralmente, do ponto de vista do observador e não do sujeito. O híbrido era aquele que, por vezes, apresentava-se como uma coisa e, por vezes, como outra, por ser duas entidades numa só.

Não é esta a noção de híbrido que hoje é assumida em muitos dos estudos de Ciências Sociais, principalmente, por Néstor García Canclini (*Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de la Modernidad*, Buenos Aires, Paidós, 2001). Pelo que, o hibridismo é um fenómeno natural presente e activo em muitos processos de criouliização.

Em Cabo Verde, somos “síntese”. Possuímos características, no que diz respeito à diversidade, que repercutem nas mais diferentes manifestações culturais nas ilhas, visíveis na dança, na música, nas romarias, na literatura, no folclore, na arte, na língua, etc. Todavia, o cabo-verdiano sente que é detentor de uma “identidade crioula” própria e singular, com o seu lugar específico no universo das nações, ao mesmo tempo que o coloca num universo de nações por constituir. Por essa mesma diversidade

contida nas sínteses, a heterogeneidade é uma das características mais marcantes da sociedade cabo-verdiana. E, claro, ela é um dos patrimónios maiores da Crioulização.

afirma

A língua crioula é das primeiras afirmações dessa nova identidade

O dilema das línguas dá-se porque o indivíduo encontra-se entre a língua do colonizador e as várias línguas do colonizado, ou entre as várias línguas dos colonizadores e a língua do colonizado. Todas as sociedades que passaram, e passam, pelo processo da Crioulização, na base, também tiveram, e têm, o dilema das línguas. Enquanto língua, o crioulo é uma designação comum a várias línguas resultantes da mistura das línguas africanas com outras línguas, na maioria dos casos, a do colonizador ou língua oficial. Quando o indivíduo consegue “impor” (entre aspas) que o outro respeite a sua língua, está a semear e a cimentar de forma inequívoca a sua identidade.

Quando nós conseguimos esse fenómeno fantástico que foi a invenção da língua crioula, uma grande conquista se afirmou para a Humanidade. Por isso, sempre defendi que não devemos perder a palavra “Crioulo” na definição da nossa língua cabo-verdiana. Crioulo é o universo a que pertencemos. Eu falo crioulo, mas quando eu falo com um haitiano, que também fala crioulo, não nos entendemos para entreter uma conversação, porque as bases lexicais são diferentes. Nós criámos uma língua, utilizando as raízes de outras línguas que vieram. E uma vez que essa criação se afirmou, sentimos que um novo espaço tinha

tido conquistado. No caso de Cabo Verde, evidentemente, a língua crioula representa a vivência, a comunicação, a música. Ela representa tudo. É a afirmação primeira da nova identidade colectiva. A língua é um instrumento fundamental de afirmação do homem. E, no caso Crioulo, é um fundamento.

Rela

Os processos de Crioulização são distintos uns dos outros

Temos laboratórios da Crioulização, na verdade, no indivíduo e nos territórios. Alguns processos estão muito incipientes, outros em lugares mais inusitados, como o que está a acontecer no Japão, no Luxemburgo, ou na África do Sul, para citar alguns exemplos completamente afastados. Temos estágios da Crioulização que ainda estão na fase incipiente da *diferença*; outros que já ultrapassaram a fase da *indiferença*, alguns no estado da *in-diferença*. A Crioulização é, para além de uma cultura de tolerância, uma abertura, um estado de espírito. É um chamamento à inclusão. Glissant definia-o muito bem: é a Relação. Está-se na Relação, com R maiúsculo. Esse estar na Relação acaba por definir o que é hoje a Crioulização.

~
çãõ

sínte

O Crioulo é o nosso universo

Cabo Verde é citado, muitas vezes, como exemplo de democracia, de *bonne gouvernance*, de liberdade, de convivência e de direitos humanos. Não há apologia, nem segredos nenhuns. Na condição de Crioulos, a nossa história ensinou-nos que não é fácil ser um pedaço de verdugo e um pedaço de vítima no mesmo corpo; não é pacífico conviver com metade escravo e metade patrão na mesma alma; não é fácil carregar uma metade oficial e uma metade clandestina, uma metade legítima e a outra bastarda, na mesma folha de papel; não é evidente ser-se livre com vários nós em mim. O crioulo é essa síntese. Dolorosa síntese. Bela síntese.

Nunca escutei um cabo-verdiano dizer que não é Crioulo. Dizemos, aliás, com frequência, “eu sou Crioulo”. Mas já lhe ouvi que não é africano e, com mais frequência e veemência, que não é europeu. Até quase às vésperas da independência, a afirmação de Cabo-verdiano deu-se muito pela negação. Dizia-se muito que não éramos nem africanos, nem europeus. E não era o povo a dizê-lo, mas os intelectuais. Sem embargo, quando ele volta para a sua identidade universal, afirma-se pela positiva, citando tacitamente a sua crioulização e, de modo remoto, os seus ancestrais, pretos e brancos. “Eu sou Crioulo” imbrica uma entidade derivada, que não é supra, é terceira. É uma

outra via, que procura incluir tudo o que temos dentro, de europeu, africano, asiático, americano. Tudo isso se conjuga em identidades múltiplas em si mesmas. Como se o singular fosse um permanente plural. O Crioulo é o nosso universo.

na Sa

A diáspora africana e a Crioulização

A casa e a causa espacial primeira do fenómeno da crioulização, se as procurássemos, não estariam em África, nem em nenhum continente, mas na diáspora. A diáspora, este conceito grego de povo desterrado, mas que sofreu uma mudança radical com o fenómeno da Crioulização. A Crioulização é interacção obrigatória imposta pela natureza do encontro. Tudo começou na Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde. Aqui nasceram as palavras *Crioulo* e *Griot*, ambas da condição do escravo doméstico chamado *criado*, ou *criód*, como ainda se diz na ilha da Madeira e nas ilhas de Barlavento de Cabo Verde. O Crioulo vira sinónimo do *nascido aqui*, metáfora do homem e da mulher do Novo Mundo.

Nesta perspectiva, os territórios continentais (por oposição a ilhas) não são berços da Crioulização. A África, a Europa e a América são memórias. São referências obrigatórias da Crioulização. As diásporas estão no início do fenómeno da Crioulização. Porém, isto que parece um pormenor, ou um espanto, é, na verdade, uma peculiaridade. Ninguém pode arrogar-se do processo da Crioulização como um acto pioneiro seu, ou apanágio de um único lugar. Essa desapropriação inusitada conferiu, desde cedo, à Crioulização a sua liberdade maior. Se até

aqui as referências culturais identitárias evocavam heranças ancestrais e epopeias narradas em documentos como o *Chilam Balam*, o *Popol Vuh*, o *I Chin*, o *Mahabarata*, o Antigo Testamento, e nas narrações monumentais das culturas africanas, de repente, de forma completamente imprevisível, uma odisseia nova, não de uma etnia, de uma “raça”, ou de uma religião, nasce concebida na Relação. Manuel D’Novas, compositor-cronista ímpar da história de Cabo Verde, escreveu: “*Nos raça é pret ma brónc burnid na vent*” (A nossa raça é o preto e o branco brunidos pelo vento”. Palavra mais acertada: *brunidos*. (ver Dicionário: o termo vai do significado *polir, brilhar, dar lustro*, acrisolar, até a acepção de *pardo, moreno, bruno*)

Diáspora e ilhas são protagonistas antigos. Mas porque não começou antes a criouliização do mundo? Simplesmente, porque não estavam dadas as condições. Quais? Ora, tomando o fenómeno da Criouliização como algo imprevisível, isto é, fruto do acaso histórico e da posterior construção sobre esse acaso, a meu ver, faltaram o dilema original, a necessidade de adopção de múltiplas raízes num indivíduo, o sonho de liberdade sem a possibilidade do regresso, e a necessidade de construção de uma identidade nova. Isto implicou uma profunda transformação na consciência de como devia ser o futuro, um futuro sem domínio de uns sobre outros, sem carência, sem exclusão e sem condenação prévia de alguém, apenas por este ter nascido aqui ou acolá, com esta ou aquela cor,

com este ou aquele cabelo, com este ou aquele apelido ou sotaque. O fenómeno tornou-se planetário, no início, pela réplica da experiência cabo-verdiana, principalmente nas Américas, no aproveitamento, pelo poder, dessas experiências e no seu uso como modelo nos diversos assentamentos similares ao que se tinha dado em Cabo Verde.

Sendo um fenómeno dialéctico, a Crioulização pode ser comparada à expansão do universo, cuja causa e efeito é a própria expansão. Isso não quer dizer que o Crioulo veio do nada, como, aliás, nem o universo o é. Quer simplesmente dizer que o Crioulo se fez, porque, pela primeira vez na história da Humanidade, não era Crioulo quem podia, mas era-o quem queria. Esse querer não foi só uma vontade, mas uma assunção, uma atitude de gente nova face ao mundo novo. Por isso, hoje, Crioulo é uma identidade de integração, de comunhão, de pacificação, do exercício do perdão e da gratidão. É daí que surgiu, está a surgir, tanta gente nova, arautos de um novo mundo. Com a Crioulização, o que se deseja e se propõe é o encontro comigo mesmo e com o Outro.

*abre
por*

A África que sai do continente africano é a que portamos em nós.

A diáspora africana, a África que sai do continente africano e vai às Américas, às Caraíbas, mas também à Europa e à Ásia, a África de New Orleans, de Cuba, do Brasil, de Guadalupe, de Martinica, de Cabo Verde, de Madagáscar, é um continente que portamos em nós, e que o mais ruivo e caucasiano dos homens pode também levar dentro. Do mesmo modo, a Europa que o Crioulo carrega é uma Europa que qualquer Crioulo pode levar no âmago, tanto no Brasil, na África do Sul como em Macau. Assim como a Ásia que chega às ilhas Maurícias, a Seychelles, à Tanzânia. Todas elas apimentaram a comida e a língua dos Crioulos em gestação. É necessário que se abram as portas para uma identidade partilhável, isto é, uma identidade só possível de ser reivindicada na dádiva e na Relação.

guard

Falar da contribuição africana converte-se em dor

Falar da contribuição africana nesse processo é falar da dor. O mesmo não sucede quando falamos da contribuição europeia. É bom termos essa clareza e essa aceitação.

O fundamental contributo de África no processo de Crioulização é exactamente a diaspORIZAÇÃO, a errância dos seus filhos, disseminadores e guardiães do potencial conteúdo histórico e cultural, disponíveis para toda a espécie humana. Se a Europa era navegante e a América o receptáculo (para não dizer “anfitrião”, que seria aqui um eufemismo), África foi a viagem, a mercadoria, a matéria que não era prima, mas sua condição. A escravatura a que nos referimos não foi exercida em África, foi sobre África. Ela não foi exercida na Europa, foi pela Europa. Não era da América, mas na América. Uma diáspora que, *ab initio*, tem como única raiz o intangível, o mar, a terra de outrem, a ordem de outrem. Aceitar a não-localização, buscar o semelhante na diferença, buscar parcerias e cumplicidades interétnicas (o primeiro sinal de uma crioulização iminente e transgressora), procurar esperanças em solo alheio, sonhar geografias para se orientar, sofrer pelo que se desconhecia, gerar descendentes de algozes, foram provações titânicas. Daí a permanente

e interminável necessidade de luta contra aqueles que querem perpetuar o status quo.

O potencial conteúdo é hoje património de toda a Humanidade: quem o assume, o carrega, o sente, o entende, independentemente da sua cor, ou origem, tem esse potencial crioulo que toda a gente pode ter, porque ele já está na relação com o Outro, o Outro Desconhecido.

O Outro foi essencial no processo de luto, de adaptação, de síntese. Esse Ser de raízes múltiplas, que se foi multiplicando nos nascimentos e nas misturas, colocou a fasquia da integração bem mais alta do que na simples adaptação, e estas bem mais baixas do que a almejada Relação. É na diáspora africana que a questão da identidade terceira se colocou pela primeira vez nesse processo. Para os africanos desterrados, o regresso já não era possível, a liberdade era uma quimera, portanto, o novo tornou-se uma inegável companheira. O Crioulo já nasceu com traços que brigavam com os seus próprios traços, e com os dos seus ascendentes.

Nesse processo de Crioulização, não houve piedade de nenhuma parte, mas, sim, compaixão de uma parte, da parte dos descendentes de escravos. A necessidade de sobrevivência, mais anímica do que física, foi fundamental. Mais tarde, a aceitação inadiável do imprevisível, por parte dos resistentes, e dos resilientes, abriu as portas

do mundo à caminhada da Crioulização. A noção de que estamos todos no mesmo barco, ou na mesma plantação, abriu espaços inéditos para o perdão, para o luto. Foi essa sabedoria anciã que salvou a revolução haitiana, e voltou a ser aplicada na África do Sul pós-Apartheid, e no Rwanda pós-genocídio.

A aceitação do Outro constitui o primeiro sinal da Crioulização. No início, muitos se aceitaram, mesmo negando a acção do Outro. Daí que o fenómeno da Crioulização não seja um atavio de ninguém, senão daquele que se colocou primeiro na relação com o Outro. Aqui, o gesto ou a conduta de aceitar, como em todos os fenómenos, exigiu, e exigirá sempre, no mínimo, duas pessoas e uma situação.

O

*Huma-
nismo
Crioulo*

u bu

O nosso Humanismo deve ser a nossa humanidade, e não o nosso eu

E o que pode significar Humanismo num continente que viu vinte milhões de seus filhos serem vendidos como escravos? O Humanismo aqui, necessariamente, não será um humanismo igual nem superior ao essencial, mas, certamente, um pouco mais depurado do que em qualquer outro lugar do Planeta.

Na verdade, é estimulante indagar as nuances do Humanismo. O nosso humanismo é um humanismo incompleto. Contudo, dentro dessa incompletude, há uma consciência de que o humanismo deve existir virado para o Outro. O nosso humanismo deve ser a nossa humanidade e não o nosso eu. As culturas mais anciãs sempre souberam disso. Basta notar que, para ir ao profundo desta noção de humanismo, certas escolas budistas postulam a prática da *inexistência do eu*. E a África revelou para o mundo a palavra *ubuntu*.

ntu

Out

A poética da Relação alimenta o sonho-mor da Humanidade

Entre o velho, o novo e o novíssimo teor do humanismo, a poética da Relação é aquela que alimenta o sonho-mor da Humanidade. A experiência crioula de Humanismo é uma contribuição real, oriunda de uma cultura em que a morte de um significa inevitavelmente a morte do Outro e de todos.

O Humanismo Crioulo demonstra essa aplicação. A poética da Relação nunca foi tão imprescindível como agora, que as marcas do racismo, da xenofobia, da intolerância e da exclusão se acirram. Entramos num retrocesso vertiginoso, que pode tornar inabitável os próprios espaços de convivência, e põe em risco o próprio Planeta. Basta pensarmos que, no cômputo de um milénio, os humanos mataram duzentos milhões de seus semelhantes, o que corresponde ao assustador número de mil pessoas por cada ano que o ser humano passou sobre o Planeta.

A contribuição mais profunda que a poética da Relação traz para a noção de Humanismo é a postulação da sua filosofia de que o *Outro* não o é no sentido cristão, o próximo, mas no sentido crioulo, o mais distante possível. O Outro é o Diferente.

Como estaria o Mundo, e África, em particular, sem o processo da Crioulização? Ora, a resposta mais evidente é que estaríamos ainda com muitos lutos por fazer. O luto da escravatura e da colonização. O luto da memória é necessário para a paz interior. A mágoa, o desejo de vingança, a raiva e os conflitos internos e externos estariam muito mais atiçados sem o luto. Sem essa contribuição crioula, que concerne toda a gente, a escravatura teria deixado só corpos dilacerados, só gente atirada ao mar, só bestas de trabalho mutiladas, só matança, só desprezo e uma injustiça que levaria duas eternidades a ser reparada.



O Crioulo aprendeu cedo a fazer o luto.

Olhando para os contextos pós-abolição, pós-rebeliões e pós-revoluções, o que se esperava no dia seguinte ao anúncio da abolição da escravatura era uma longa matança de brancos para vingar a longa matança de negros. A seguir, possivelmente, outra nova matança de negros, para garantir a sobrevivência dos brancos e a salvação das suas propriedades; logo, nova matança de brancos, para cortar o mal pela raiz. E, assim sucessivamente, até que restassem no mundo duas bocas, uma branca e outra negra, cheias de dentes afiados. De certo modo, era o argumento da legitimidade da alternância. Basta ler a Declaração de Independência do Haiti, sentir o que Dessalines escreveu de punho e letra, para percebermos:

“... Qu’avons-nous de commun avec ce peuple bourreau? Sa cruauté comparée à notre patiente modération, sa couleur à la nôtre, l’étendue des mers qui nous séparent, notre climat vengeur nous disent assez qu’ils ne sont pas nos frères, qu’ils ne le deviendront jamais, et que s’ils trouvent un asile parmi

Luto

*nous, ils seront encore les machinateurs de nos troubles et de nos divisions...*⁴

Uma certa solução foi proclamada junto com a independência do Haiti. Porém, o imprevisível já se tinha interposto no caminho da dicotomia. O escravo liberto e seus filhos perceberam que iam ficar órfãos de pai, em alguns casos, se matassem todos os brancos. Os brancos perceberam que muitos de seus filhos também ficariam órfãos, se as autoridades brancas resolvessem matar todos os negros. Os pais franceses perderiam filhos, as mães negras também, e uma guerra fratricida poderia ter lugar em todos os espaços, dos quartéis aos lares e barracões. A realidade crioula interpôs-se. Uma probabilidade de convivência tinha-se interposto no meio da potencial desgraça.

desa

⁴ “Que temos nós em comum com este povo carrasco? A sua crueldade comparada com a nossa moderação paciente, a sua cor com a nossa, a extensão dos mares que nos separam, o nosso clima vingador, dizem-nos o bastante que eles não são nossos irmãos, que nunca o serão, e que, se encontrarem asilo entre nós, continuarão a ser os instigadores dos nossos conflitos e das nossas divisões”

O aparecimento do sangue arco-íris e do arquipélago-mundo

A Crioulização questionou a perversa metáfora do sangue azul. A África negra viu-se expandida pela sua diáspora, meta-afro. Tanto a Europa como a África ouviram os seus ecos a uma só voz. Agora, a metáfora do sangue arco-íris e do arquipélago-mundo podia-se aplicar. Os brancos e os negros já não podiam colocar-se cada um na sua barricada e apontarem-se as lanças e as armas de fogo. Havia, agora, um terreno de encontro, que exigia tolerância, paz, harmonia, paciência, democracia, liberdade e, sobretudo, um humanismo desafiante. Desafiante, porque pressupunha perdão, luto, reconciliação e resignação.

Desafiante

simb

O Humanismo Crioulo em África ultrapassa o continente africano

Em 2011 e em 2012, o Sr. Embaixador da África do Sul em Portugal visitou-me na cidade da Praia para falarmos sobre a Crioulização e a experiência particular de Cabo Verde. Ele estava aberto e interessado em compreender. Queria entender, porque, disse, parecia-lhe um tema bonito sobre o qual o debate identitário da nova África do Sul podia ter lugar. Eu, em forma de pitaco, porque me fora pedido, adiantei: Leve o tempo que levar, a Crioulização é um processo que vai acontecer na África do Sul, como necessidade individual e colectiva de novas coabitações. E talvez nos traga novas simbioses, cuja referência à Crioulização haverá de ser mera semelhança.

O processo possível na África do Sul não será desfasado do que aconteceu com os crioulos nascidos na Europa, ainda confrontados com a classificação de europeu de origem africana. Na África Austral já tivemos o dilema dos africanos de origem europeia (Em Angola, Zimbábue, Moçambique). A origem, para nós, já não quer dizer ponto de partida, mas, sim, ponto de encontro do indivíduo consigo mesmo e com o Outro. A Europa tampouco é só ponto de chegada. A Europa tornou-se ponto de encontro.

As consequências mais práticas e visíveis desse fenômeno são a conquista da liberdade associada ao humanismo e a perda da identidade cliché. Mas há outros sinais: a perda do medo, porque a Crioulização vai desafiando os espaços de exclusão e de exclusividade.

•
impre

Já não é mais possível a etnicização das democracias e dos direitos e liberdades

O humanismo Crioulo tem a ver com uma nova cultura de ampliação desses espaços identitários. Trata-se de um fenómeno histórico, tanto quanto imprevisível. África, no seu todo, é cautelosa relativamente às mudanças culturais, por causa da força das tradições. No entanto, essa mudança é subtil e libertadora. Na verdade, o processo da Crioulização é muito mais visível nas ilhas do que nos continentes, onde a tentação de etnicizar as identidades e, em virtude disso, condicionar as democracias e os direitos e liberdades, tem tido abomináveis protagonistas. Felizmente, exemplos de Seretse Khama, Amílcar Cabral e Nelson Mandela, são inspiradores de um amanhã cheio de abraços.

previsível

exist

Sobre a descolonização

O tema da descolonização é, quase sempre, tratado de um modo unidireccional, no qual o protagonista é sempre o descolonizador, e nunca o antigo colonizado. Isto tem a ver com a origem temporal que se atribuiu à descolonização. Para o antigo colonizador, a descolonização é um fenómeno que coincide, ou que se inicia, com a retirada da administração colonizadora.

A nossa vivência sugere-nos outra leitura. Do ponto de vista histórico e político, a descolonização tem início sempre séculos antes da sua aceitação pela administração colonial.

No caso das ilhas crioulas, o processo nasceu com a percepção da existência de uma terceira identidade, muitas vezes escudada na assunção do africanismo ou da negritude. Noutros casos, a descolonização começa com a percepção da existência de nação.

atit.

A descolonização é uma conquista do colonizado e não uma atitude do colonizador

Todos os impérios, pela sua própria natureza, engendram harakiris, sem exceções. A descolonização é, por isso, um fenómeno engendrado na barriga do colonizador. E, por isso, convém inverter a ordem da causa e da consequência que se nos tem apresentado. Não é “*o fim do império e o início das nações*”, como se chegou a propor, mas, sim, “*o início das nações e o fim do império*”. A consciência do colonizado antecede a do colonizador sobre a matéria da descolonização. A descolonização é uma conquista do colonizado e não uma benevolência do colonizador. Com frequência, a história é arrastada pela visão do centro do mundo. Desde muito cedo que nos inculcam isso nas escolas. É assim que nos apresentam a História: começa e termina na Europa, a antiga e a moderna também. Lembro-me de, certa vez, ter assistido a uma palestra sobre a história do teatro e ela começava com Aristóteles. E eu não pude dizer que, quando o teatro floresceu na Europa, ele já estava em decadência em África.

A história moderna da descolonização contrapõe-se a esta vaga de centrismos. A descolonização tem a sua causa e

sua consequência nas colónias e termina na metrópole, e não o inverso. Isto não tira protagonismo a ninguém, mas envolve todos. Este entendimento pode abrir caminho a novas formas de cooperação e de relacionamento entre as antigas potências e as ex-colónias. E, também, de uma forma descomplexada, a pós-descolonização pode criar um espaço geoestratégico, político e cultural importante na nova ordem mundial. Da descolonização pode nascer um espaço de partilha e de troca de experiências, um espaço multinacional, transcontinental.

No processo da descolonização, é preciso não esquecer a consciencialização do próprio colonizador sobre a irreversibilidade do fenómeno. No seio mesmo do colonizador, há quem tenha desobedecido à lei e à administração, à hierarquia e às ordens, para aceitar exclusivamente a sua consciência.

Isto é, a descolonização não pode ser reduzida à retirada das tropas e da administração. A descolonização é produto de uma história colectiva, fruto de encontros e desencontros. Existe descolonização também na cabeça do colonizador. Ninguém se lembra de descolonizar aquele que não quer ser descolonizado. Desse modo, podemos abrir uma nova reflexão sobre a importância das ex-colónias na maturação do pensamento anticolonialista na metrópole.

A colonização ainda não acabou e há riscos diários de neocolonização

Houve erro no processo da descolonização. Esse erro deve ser assumido por todos, para que se possa fechar o ciclo. Há casos de insucesso, em que a colónia foi praticamente abandonada ou entregue ao melhor parceiro, mas também há casos de verdadeira passagem de testemunho e de ajuda mútua. A importância é saber que a colonização ainda não acabou e que há riscos diários de neo-colonização. Daí a importância de novas visões e de novas estratégias de relacionamentos. É salutar que o processo da descolonização seja assumido como um património cultural comum, isto é, como um processo que começou no colonizado e obrigou o colonizador à sua própria maturação. Ambos fizeram um percurso, e o processo de negociação igualitária e do reconhecimento da liberdade e da independência constitui também um ganho para quem supostamente perdeu. Esse ganho deve ser assumido e preservado como um património.

A desocupação é física, a descolonização é mental.

SCOS

egg

A vergonha é pior do que a dívida

Todas as culturas, civilizações e épocas têm uma imagem-ícone da sua áurea ou de sua sombra, símbolos, marcas de um tempo e do que de mais humano, ou de desumano, se fez. Temos esses legados em pirâmides, obeliscos, monumentos, dólmens, cromeleques, pinturas, esculturas, torres, fotografias, livros, etc. A imagem de um menino morto numa praia no Mediterrâneo representará a nossa decadência (nós do séc. XXI) por um longo período da História. Por simbolismo, nenhuma palavra podia ser mais tristemente forte para os naufragos do que Mediterrâneo. A semiótica desse espaço é paradoxal. Ela diz-nos que o meio do mundo podia ser um espaço de confluências, de encontros, de abraços, de afago, e não de afogos, de exclusão, de morte, e de ausência total de solidariedade.

O ego tem um lugar central no pensamento europeu, sabemos. Esse pensamento europeu está livre de qualquer conotação com a cor, a religião, ou o local de nascimento do indivíduo. Não se trata do pensamento do europeu, ou do indivíduo europeu, mas, sim, de uma forma de pensar que se estende hoje por todo o Planeta. Para enquadrar melhor essa ressalva, basta pensar que há milhões de cidadãos da Europa que não são paladinos dessa visão

egocêntrica do mundo. Em contrapartida, há-os milhares em África que são mais cartesianos do que Descartes.

O ego está no dilema de todas as religiões e no debate de todas as culturas. Uma cultura ou um pensamento, cuja defesa maior é acumulação de riqueza, não podem ser auspiciosos. Confúcio dizia: se a riqueza fosse um objetivo decente, eu, para obtê-la, estaria disposto até mesmo a trabalhar como zelador do lado de fora do mercado, com um chicote na mão. Se não é, devo seguir minhas próprias referências” (Os Analetos, Livro VII, v.12). Santo Agostinho, em *Diálogos sobre a Felicidade*, explicou que abundância é bem diferente de plenitude. A abundância baseia-se na escassez. A plenitude, na realização. São apenas dois exemplos paradigmáticos.

Tirando algumas exceções, estamos marcados por uma relação internacional feita em nome da acumulação da riqueza. Em defesa dessas mesmas acumulações, unhas e dentes atômicos são usados para rechaçar o semelhante, custe o que custar. Não estranhemos, por isso, esse acender dos novos nacionalismos. É difícil entender, mas disse-o, e bem, Alain W. Watts, no seu magnífico livro *L'éloge de l'insécurité*⁵: “Enquanto persistir a ideia de soberania, não haverá paz”.

⁵ “O elogio da insegurança”.

Existe uma realidade nova: o mundo virtual é, realisticamente, um mundo potencialmente Crioulo, no sentido de não ter fronteiras, ou no sentido em que o sonhamos. Estamos todos ligados a todos, indelevelmente. Ainda que com desequilíbrios, África, América e Europa constituem as três pedras do fogão, onde o barro do Homem Crioulo se cozeu.

manij

*Por tudo isso,
festo - me*

*porque
a cre*

na criou

dito

Confrontos de pensamentos são
salutares, porque deles nasce a luz.
Pensamentos de confronto, não.
Geram obscurantismo.

lização

porque

UNST

*na Poética
da Relação*

isto

O pensamento inclusivo traz todos os ingredientes de uma sociedade nova. Uma sociedade nova, mais do que uma nova sociedade, está a celebrar o seu nascimento há mais de três séculos.

Proclamo-o e aclamo-o, porque dela emergi, e em direcção a ela caminhamos todos.

porque
apre

o ser novo

g o o

Parece absurdo, mas os conflitos actuais são manifestações de um combate desesperado para a manutenção do velho.

Há sociedades que inventam conflitos para subsistir conflitos, porque o novo já bateu à porta, mas o medo, o apego e a teimosia rejeitam-no.

porque

cha

todos

Da Noruega a Madagáscar,
do Japão a Cuba, entre os
budistas e entre os cristãos,
entre os judeus e entre os
muçulmanos, entre os crentes

m o

e não crentes, na paleta de todas
as peles existentes no Planeta.
Nenhum indivíduo está
fora desta Relação.

porque
CAN

o humanis

to

Não há por onde matar.

O Crioulo assume as suas múltiplas raízes, e toda a ramificação faz falta. Nenhuma parte que o compõe pode ser extirpada, porque temos partes de toda a parte, temos partes em toda a parte. Eu sou necessariamente o Outro.

mo

porque
veja

a Terra com
a casa do

Um mundo novo, mapeado com base na Crioulização, redesenha os continentes e os oceanos, e irmana-nos pelo que queremos ser, e não por aquilo que nos impõem. Sem fronteiras para defender, porque habitamos o mesmo espaço mental; sem medo do estrangeiro, porque ninguém o é; sem conquistas a fazer, porque partilhamos e cuidamos o que temos; sem diferença, porque somos todos diferentes; com a ideia do nosso espaço Terra; de um novo pensar, pensar Terra.

mo
Homem

porque
EXIS

*a memória
futura*

ste

O Crioulo não está amarrado a nenhum passado que não seja o da liberdade, da libertação. O passado é um interlocutor para o futuro. Por isso, ele pode juntar e criar o seu próprio futuro. E é o que precisamos fazer: libertarmo-nos de futuros pré-fabricados.

porque
fatal

de amor

O

A nossa própria vivência é uma prova de amor. É possível uma sociedade onde a base de todos os discursos seja o amor, e a base de todas as acções seja o afecto, a base de toda a relação seja a fraternidade.

porque
SO

humano

Os espaços confinados não teriam levado a espécie humana a lugar nenhum. Os pensamentos egocêntricos são fontes de concorrências, não para sermos melhores, mas para sermos melhores do que os outros. Onde há um homem bom, o bem é atraído. Onde há um melhor que o outro, o ressentimento é atraído. A experiência e o sonho do Crioulo postulam a conciliação. E isso é a base da Relação, do perdão, do caminho. Pois o Crioulo é um indivíduo que, para o ser, teve que, primeiramente, se reconciliar consigo mesmo. Só quando o conseguiu, então, nasceu.

Manifesto-me

e.m
ti.

Manifeste-se

em

mim.

Cólofon

Para esta edição do “Manifesto a Crioulização” de Mário Lúcio Sousa, usámos o tipo Didot, um elogio à dinastia Didot, que marcou ao longo de cinco gerações a qualidade da tipografia francesa.

Foi iniciada em Paris por François Didot (1699-1757), mas foi o seu neto, Firmin Didot (1764-1836), o mais notável tipógrafo desta família de impressores, editores e fundidores de tipos. Em 1783, a fundição Didot trabalhou uma fonte tipográfica do tipo romana, moderna e inovadora.

O tipo Didot, como ficou conhecido, foi utilizado para imprimir obras, tais como a Bíblia em latim de 1785.

“Manifesto a Crioulização”, foi impresso em *offset* sobre papel *Coral book 100 gsm*, e capa dura estampada a seco, foi concluída a sua produção em outubro de 2021, nas oficinas da Tipografia da Beira Alta.

“Manifesto a Crioulização” é uma edição limitada a 300 exemplares, numerada e autografada pelo autor.

1 2



9 0



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS